

# *Sissy*

Emma Donoghue

Eu chamava ela de Sissy,<sup>1</sup> apesar de não ser o seu nome. Ela não tinha mais de dois anos de idade mas corria como o demônio. Ela tinha herdado as pernas do Papai. Certa vez, ele apostou uma corrida contra um comerciante de tecidos de Boston, venceu por pouco e ganhou para a Mamãe um corte de algodão estampado. Ela costurou para si uma roupa de domingo. E depois a tingiu de preto, para o enterro da Sissy.

*Oh, irmãzinha.*

Eu lembro. Era primavera, os gansos voltavam voando do Sul e o rio estava cheio e espesso, depois de derreter. Nossa cabana ficava em um pequeno lote entre a King e a Talbot, um pouquinho a leste do encontro dos rios. Sissy tinha dois anos e eu tinha sete. Sete menos dois dá cinco. Cinco anos entre nós e ela era para mim como uma pedra no sapato, um cisco no meu olho. Era para eu estar vigiando ela naquele dia. “Mantenha-a longe do encontro dos rios”, repetia Mamãe. Sissy estava me dando nos nervos, ela ficava cantando uma cantiga do Papai: *Oh irmãzinha, minha irmãzinha, aonde você vai?* Não que Sissy já conseguisse cantar. Na verdade, como tinha apenas dois anos, ela apenas recitava as palavras. Era março, e o rio estava repleto de gelo. Dava para ver o lixo das pessoas flutuando; dava até para sentir o cheiro, entre a escuridão malcheirosa da fundição e do curtume. Eu tinha sete, esta é a idade da razão. Isso significa que eu deveria saber.

*Oh, irmãzinha, irmãzinha minha.*

Virei as costas por um minuto para pular amarelinha com as meninas. Não consigo lembrar o nome delas agora – estranho, não é? Gostava muito delas quando eu tinha

---

<sup>1</sup> *Sissy* é uma forma coloquial e carinhosa de se referir a *sister*, “irmã”.

sete anos. Eu só virei as costas por um minuto e Sissy correu diretamente para o encontro dos rios, mesmo depois de ser proibida mais de uma vez. Talvez seja por isso que ela correu, porque foi proibida. Talvez ela tenha pensado que o encontro dos rios fosse algo maravilhoso, proibido, melhor que torrão de bordo.<sup>2</sup>

“Mamãe”, eu disse, mais tarde, “Sissy saiu correndo de repente, eu não vi”. Eu disse “estava vigiando ela o tempo todo, mas ela escapou, ela correu rápido como um cachorro, Mamãe, eu não vi para onde. Você sabe bem como Sissy consegue correr”. Mamãe nunca me culpou. Ela não precisou.

Papai procurou Sissy por dois dias. Ela estava três milhas distante da descida do rio. O rosto do papai estava úmido enquanto ele a carregava sobre seu ombro, mas depois disso mamãe parou de lamentar. Sissy estava toda azul e inchada, como se tivesse bebido o rio inteiro.

Papai fez um caixão para ela. Um caixão novo custaria muito caro, e, além disso, estavam em falta, pois sempre morriam muitas crianças na primavera. Ele levou três dias. Era uma linda caixinha de seis lados, do tamanho exato de Sissy, mais estreita na cabeça e nos pés. Papai escolheu pregos compridos para prender bem. Ele lixou e poliu a madeira por dentro e por fora. Mamãe ficava repetindo: “Você precisa dormir”, mas eu também não a via dormindo. Não disse uma palavra sequer por três dias, apenas observei.

*Oh, irmãzinha, minha irmãzinha, para onde você foi?*

Na maioria das vezes, quando as pessoas morrem elas são enterradas no cemitério, mas depois de comprar as tábuas e pregos, Mamãe e Papai não tinham nenhum dinheiro para o sacerdote. Mamãe, então, disse: “Coloque-a atrás da cabana, naquele pequeno bosque de cedros; assim ela estará perto o bastante para uma visita”.

Mordi o lábio e pensei em Sissy vindo visitar a gente.

“Não sei se é uma boa ideia”, disse Papai. “E se alguém quiser construir uma cabana ali?”

“Só há cedros ali.”

---

<sup>2</sup> Em inglês, *maple sugar*: *Maple*, em português Bordo (nome científico *Acer*) é um gênero de árvore cuja seiva, doce, é matéria-prima na produção de um xarope usado tanto como adoçante quanto como remédio. No caso do conto, podemos imaginar que “torrão de bordo” seria um tipo de rapadura ou de melado produzido com essa seiva.

“Bem, mas não será assim para sempre”, ele a alertou. “Para cada novo cidadão neste país, uma centena de árvores vem abaixo.”

Papai cavou o buraco. Mamãe falou que a direção estava errada. Sissy deveria ficar na direção leste, para poder pular no dia do Juízo Final. Então Papai encheu o buraco de terra e começou a cavar mais uma vez.

Ele desceu para o Michigan atrás de trabalhos em fazendas e voltou no outono, justamente quando os gansos rumavam para o sul. Disse que nos Estados Unidos havia mais oportunidades. Mas Mamãe respondeu que não iria a lugar algum. Disse que o país em que uma mulher enterrasse um filho, esse seria o seu país para sempre.

Quando estava pulando amarelinha naqueles dias ficava fingindo que a Sissy estava atrás de mim. Se escutasse o som de batidas no solo, era ela saltando. Eu quase podia vê-la de canto de olho.

Eu me lembro da noite do incêndio, deve ter sido em 1845. Começou nos estábulos do Robinson Hall Hotel, a menos de um minuto de caminhada do túmulo da Sissy. Depois fiquei pensando se aquilo, de alguma forma, tinha sido coisa da Sissy; como se ela estivesse entediada, buscando algum divertimento. Ela sempre pedia para brincar com o isqueiro do papai quando estava viva. O fogo saltava entre os telhados de madeira, varrendo tudo o que havia entre a Ridout e a Talbot Street. Baldes de couro cheios d’água não puderam conter as chamas, era como cuspir em um dragão. Atingidos pelo fogo, leitões fugiam guinchando através da lama cinzenta.

No dia seguinte, voltamos para o que havia sido a nossa cabana para ver se conseguíamos recuperar alguma coisa. O mundo inteiro estava cinzento e fumegante, era como a imagem do Inferno na Catedral. Sussurrei para Mamãe: “as árvores em cima da Sissy estão todas queimadas”.

“Não tem problema”, ela respondeu. “Madeira queimada não morre nunca.”

Fiquei olhando para ela.

“Aquele lindo caixãozinho não vai apodrecer nunca, a partir de agora”, ela disse. “O fogo conserva.”

Agora havia uma escola na cidade, e meus pais me fizeram ir para aprender a ler. Papai matava pombos do telhado do Tecumseh House Hotel; conservava-os na salmoura e vendia em dúzias. Pouco tempo depois eu já tinha idade para deixar a escola e correr a vizinhança me oferecendo para lavar as roupas dos vizinhos. Mamãe ficou muito magra.

Ela fazia roupinhas de bebês para as esposas dos oficiais, todas brancas como a neve e embainhadas. As tropas britânicas se foram no mesmo ano em que completei 18 anos, e depois disso eles aproveitaram os prédios para fazer uma escola para os negros que haviam fugido dos Estados Unidos.

Meu pai morreu de febre num outono, em 1865, com os últimos gansos grasnando no céu. Nós o enterramos no cemitério. O quarteirão em que ficava a cova da Sissy estava crescendo rapidamente. Havia ali um novo hotel chamado City, com telhados inclinados e uma barbearia e um grande estábulo. Todas as diligências paravam ali e eu costumava vender amendoins aos passageiros.

Um homem chamado Michael Smith pediu a minha mão. Ele tinha uma casa de tijolos em uma ladeira na York Street. Inicialmente disse-lhe não, por causa de minha irmã.

“Eu não sabia que você tinha uma irmã.”

“Tinha”, respondi, sentindo como se houvesse uma pedra pontiaguda em minha garganta. “Ela fugiu e caiu no rio quando tinha apenas dois anos, então mamãe só tem a mim.”

Ele suspirou como uma árvore a chiar. “Bem, traga sua mãe, então.”

Depois que nos mudamos para a York Street, um homem comprou o lote onde Sissy estava enterrada, derrubou os jovens cedros que cresciam depois do incêndio e construiu ali uma loja de tecidos. Eu costumava ir até lá às vezes e fingir que estava dando uma olhada nas toucas.

Michael achou que mamãe seria útil para quando nossos filhos viessem – ele deve ter pensado que eu ainda estava lá com os meus quarenta e poucos – mas eu tinha a sensação que não viria nenhum, e estava certa. Eu não queria confiar outra criança a mim mesma. Todos os momentos em que eu tentava imaginar um bebê, ele tinha o rosto da Sissy.

Mamãe morreu dormindo no ano seguinte ao nosso casamento. Nós a enterramos no cemitério. Os gansos grasnavam naquele outono, e então a primavera chegou num piscar de olhos, e os anos seguintes passaram como seixos em uma catapulta. A cidade estava alargando as suas fronteiras; o centro estava todo iluminado com lâmpadas a gás. Homens vieram perfurar a beira do rio atrás de petróleo, mas em vez disso encontraram fontes de enxofre. O cheiro era terrível, mas os americanos

vinham beber aquilo para cuidar da saúde. Os automóveis corriam tão velozes que era preciso atenção a cada passo, sob o risco de sermos divididos em dois. Telefones tocavam por toda a cidade, as luzes passaram a ser elétricas, com cores muito mais cruéis que os antigos lampiões a gás.

Michael me flagrou certa vez, perguntou: “Com quem você está falando?”. Sacudi a cabeça, apenas. Eu sabia que era um hábito tolo contar as notícias para uma criança morta, depois de todos esses anos.

Durante algum tempo trabalhei na fábrica de charutos de Jose Gaste, na King Street, enrolando folhas de tabaco, e Michael trabalhou na loja de cerâmicas Reid, em Dundas. Nós ficávamos com todas as louças lascadas que podíamos. Em 1907, o proprietário estava transformando parte de sua loja em uma pista de boliche quando o prédio todo desabou.

Comprei para Michael um lindo caixão de mogno, mas tudo o que eu podia pensar era por que esconder um homem em uma caixa retangular se ela não se parece em nada com um caixão? O caixão de Sissy se parecia com o que era. Michael foi enterrado num cemitério na saída para a Hamilton Road.

Depois que perdi meu trabalho na Coilene e Featherbone Corset Company, passei a ir à Free Press, na Richmond Street, comprar os jornais a dois centavos para vendê-los a dez. Às vezes, nas tardes de verão, eu ficava no encontro dos rios descansando os meus ossos de viúva, observando as crianças pularem por ali feito cães. *Oh, irmãzinha, minha irmãzinha, onde você esteve?* Para mim era como se nossas vidas tivessem bifurcado e a vida de Sissy tivesse afundado na terra como um córrego secreto, ao passo que a minha corria, às cegas, na luz do dia.

Houve a guerra, e todos os garotos subiram no trem vestindo seus uniformes elegantes, e depois outra guerra depois dessa. Não prestei muita atenção, tinha muito o que fazer para conseguir me alimentar e pagar o aluguel de minha habitação. Mudaram o nome do City Hotel para Belvedere e depois para Talbot Inn, mas era ainda o mesmo prédio, ainda a meio quarteirão dos ossos de Sissy. Os nomes dos lugares não fazem diferença alguma enquanto podemos lembrar.

Agora era preciso discar os números nos telefones, em vez de falar com a telefonista. Carros, televisores, tudo zumbia ou apitava ou gritava. As velhas construções vieram abaixo como castelos de areia. Às vezes algum prédio quadrado e cinza subia nos

mesmos lugares, mas normalmente os espaços ficavam vazios. Sissy não teria gostado disso tudo, pensei. Ela gostava quando havia pássaros e cedros e muito açúcar de bordo para chupar. Talvez ela estivesse melhor onde estava.

Finalmente, demoliram toda aquela cadeia de lojas na Talbot – levaram tudo abaixo, não sei por que. A cova da Sissy, então, ficou estendida sob o sol e o sereno mais uma vez, o que me deixava contente. Certo dia havia estacionado ali um carro grande e reluzente, e sua roda esquerda da frente bem em cima da sepultura da Sissy, então peguei uma pedra e risquei uma cruz do lado do automóvel: *X é o lugar*. O alarme do carro disparou um apito infernal, mas eu apenas larguei a pedra e caminhei adiante.

Era possível jantar de graça três vezes por semana na Catedral se você entrasse na fila e não se importasse com os malucos. Eu gostava quando era sopa, porque já tinha perdido todos os dentes. Alguns dias era difícil sair da cama e eu tinha de usar a minha bengala. Os gansos partiram no outono com seus gritos, e voltaram na primavera, e os balões desciam o rio todo verão, e às vezes, à noite, o céu ficava todo pintado de fogos de artifício. Sissy teria gostado de como eles explodem e se espalham.

As pessoas diziam que este era um novo milênio, mas não percebi nada de diferente. O rio parecia suficientemente limpo esses dias, as margens estavam limpas, asfaltadas e com grades, mas ninguém nadava ali; diziam que havia uma substância tóxica na água. Um dia era igualzinho ao outro, o sol e as folhas laranjas e a neve, movendo-se rapidamente em seu turbilhão de sempre, rapidamente, rapidamente, a ponto de virar um borrão.

Então cercaram o estacionamento na King e Talbot e começaram a cavar. Vi um jornal largado na sarjeta, certo dia. Era março e a neve tinha acumulado bastante, marrom, suja. A manchete dizia: *Descoberta do caixão de uma criança interrompe a construção de um centro de entretenimento de 42 milhões*. Peguei o jornal e li com atenção. “Crianças locais estão impressionadas com a misteriosa criancinha.”

Ri. Não ria com muita frequência ultimamente, pois isso assustava as pessoas. Desci a Talbot Street, lentamente, entre os pedaços de gelo. Havia um grupo de pessoas reunidas no estacionamento, em volta de um buraco demarcado com fita amarela. “É a minha irmã”, indiquei para um homem parado ao meu lado.

“Onde?”, ele perguntou. “Nesse caixão que eles encontraram.”

“Não”, ele disse, pacientemente, esfregando as mãos para aquecê-las, “você está enganada. Isso é histórico, da época do descobrimento”.

“É a minha irmãzinha”, disse-lhe, mais uma vez.

“Acho que a senhora está um pouco confusa”, ele recomeçou, com um sorriso sem-graça no rosto. “Você deveria estar viva há um século e meio.”

Dei de ombros e fui embora.

Não é que eu houvesse pedido por isso. Eu já estava mais que disposta a morrer antes, mas nunca aconteceu. E eu culpo a Sissy.

*Oh, irmã, minha irmã.*

Se não posso ser honesta agora, quando esse dia chegará? A verdade dói, corta como a lâmina afiada de uma espada. Eu vi a Sissy correndo na direção do encontro dos rios aquele dia, e fiquei contente. Pensei, “deixe que caia no rio, isso irá ensiná-la a correr como o demônio e não prestar atenção em sua irmã”.

É isso. Não é uma história muito longa. Não deveria ter a menor importância, depois de todo esse tempo. Crianças morriam aos montes naqueles anos, morriam nas corridas, nas charretes ou caíam no fogo. Mesmo atualmente, crianças estão sempre morrendo sem motivo. Vi um garoto ficar preso nas barras de um desses novos jipes e ser arremessado a uns 6 metros. Esta cidade, como qualquer outra, está construída sobre os ossos de seus fundadores. O que importa? Por que eu deveria passar por uma peregrinação sem fim até o Juízo Final?

Estou um farrapo. Costuma-se dizer que, se alguém é assassinado, está condenado a caminhar na Terra para sempre. Mas foi a Sissy que se deitou para dormir, e eu quem a matou e teve de continuar caminhando, assombrando esta cidade.

Eu sei o que fazer agora. Vou esperar até que tudo fique escuro. Não faz tanto frio, nada que já não tenha me acostumado. Estou apenas esperando que todos voltem para as suas casas. Então, irei rastejar até ali, passar os montes de neve e a fita amarela e as barricadas. Vou me deitar no buraco ao lado do caixão da Sissy, e fechar os olhos, e esperar, e talvez finalmente ela me deixará entrar.

\*

## NOTA

Durante a escavação das fundações para a construção de um estádio em London, Ontário (onde vivo), foi descoberta uma pequena sepultura da década de 1840. Muitas famílias passaram por testes genéticos na vã esperança de provar que descendiam da criança desconhecida, que foi posteriormente enterrada em outro lugar. “Sissy” foi encomendado pelo *Globe and Mail* (5 de maio de 2001).